

# Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR  
JOÃO ADELINO DIAS PENA

ANO I N.º 33

DOMINGO - 24 de Janeiro de 1954

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 24  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TELEFONE 59

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENÇA

## MUITO ESTRANHO, SEM DÚVIDA

**H**A POUCO TEMPO, discursando no acto de posse de um alto funcionário do seu ministério, e a propósito do conceito e eficiência do serviço público, o prof. Dr. Cavaleiro de Ferreira, ilustre ministro da Justiça, afirmou:

«A actividade orientadora e ordenadora de uma direcção geral não se define pelo aperfeiçoamento formal do seu funcionamento, mas pelo engrandecimento da utilidade pública, pela maior segurança dos direitos de cada um, pela maior comodidade de todos na consecução dos seus interesses legítimos, utilidade, segurança e comodidade que devem constituir a preocupação humana de um serviço público, fiel à sua razão de ser.»

Citamos estas palavras do ilustre jurista e eminente professor que sobraça a pasta da Justiça, porque nos parece que há nelas matéria sobre a qual deveriam meditar determinados serviços públicos.

E', por exemplo, um facto comprovado e unanimemente reconhecida que a obra de reconstrução e modernização da rede de estradas do nosso país tem sido verdadeiramente notável. Ninguém regateia louvores pelo trabalho realizado. Simplesmente, ou porque isso lhes seja determinado superiormente, ou por lamentável iniciativa própria, algumas Direcções de Estradas seguem deliberadamente critérios e directrizes que, pelo seu carácter prepotente e arbitrário, são absolutamente reprováveis.

Recentemente, num artigo intitulado «Não será estranho», o Dr. Ruy de Andrade, presidente da Associação Central da Agricultura Portuguesa, fazia larga citação de arbitrarie-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## A PESCA

### EM CASA DE FERREIRO...

**T**ODOS nós sabemos que Vila Real de Santo António é um dos primeiros portos de pesca do País. Como tal, era de supor que nunca escasseasse este saboroso e indispensável género alimentício. Que ele falte em Vilar Formoso, Terras do Bouro, Freixo de Espada à Cinta ou noutra localidade que fique a centenas de quilómetros do mar, vá que não vá. Mas que ele escasseie aqui, é coisa que ninguém pode compreender, dada a vizinhança do mar.

Mas, infelizmente, o peixe escasseia e, com grande surpresa, soubemos que as pescadinhas, que há dias vimos na praça, tinham vindo de Lisboa e os chicharros do alto, de Matosinhos! Parece incrível, mas é assim mesmo! Portos de pesca, que nos ficam a muitas centenas de quilómetros, abastecem Vila Real de Santo António, que é também grande porto de pesca.

Para esclarecer o nosso pasmo, informaram-nos de que são muito raros os pescadores da nossa terra que, nesta época, se dedicam à pesca e que não há barcos apropriados para, tal como em toda a costa algarvia, exercerem a pesca ao largo, por meio de anzol. Isto apesar de, a algumas dezenas de milhas, segundo os entendidos, haver

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## Comissão Pró-Quartel

### dos Bombeiros Voluntários

Ficaram, definitivamente, fazendo parte da comissão angariadora de fundos destinados à construção do quartel-sede dos Bombeiros Voluntários, os srs. António Soares e Aurélio do Carmo Bonança, pelo que a respectiva comissão central passou a ter a seguinte constituição: José Guilherme Geneslay, José Alves Mestre, Cláudio Matias d'Oliveira, António Soares e Aurélio do Carmo Bonança.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## A IMPRENSA É A IMAGINAÇÃO

POR  
RODRIGUES PENA

**N**ÃO vá o incauto leitor supor que vamos tratar, neste pequeno artigo, da força poderosa da imaginação na imprensa diária; nós sabemos bem que esse tema daria pano para mangas, tais as fantasmagorias que os jornais nos oferecem cotidianamente — esses relatos mirabolantes, que fariam a inveja já não digo a Edgar Pöe, mas pelo menos a um Ponson du Terrail. Tranquilize-se, pois, o nosso leitor. É minha convicção que, para se ler um simples jornal, é necessário o leitor possuir um mínimo de imaginação. Quem se limitar unicamente a passar os olhos pelas suas linhas, nunca poderá abarcar, na sua complexidade dramática, as palavras que descrevem a mais trivial história,

### Dr. Fernandes Lopes

Deu-nos o prazer da sua visita à Redacção deste jornal, o sr. Dr. Francisco Fernandes Lopes, distinto médico em Olhão, e nosso prezado amigo e ilustre colaborador.

Agradecemos a amabilidade.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

acontecida numa rua de nome apagado, com pessoas ainda de nome mais apagado. O leitor de imaginação é um ser feliz, porque não só dá corpo e vida a histórias fragmentadas e descarnadas, como coloca, na sua frente, seres vivos a agir e a sofrer, erguendo assim na sua imaginação uma espécie de teatro, onde as paixões se debatem em circunstâncias dramáticas e quase impossíveis de narrar.

Não me envergonho de o dizer: eu sou um habitual leitor destas estranhas secções a que certos jornais dão o nome de «Casos do dia», e outros de Cidade ou Rua; estas secções, que vão do noticiário dos objectos perdidos aos casos do roubo e de homicídio, de espancamento e dos mais pequenos acidentes, que fazem parte do habitual prato que a imprensa diária prodigamente nos oferece. Enquanto muitas vezes me aborreço a ler o succulento artigo de

## COMO EU VI A EXPOSIÇÃO DE XILÓGRAVURA

### de Manuel dos Santos Cabanas

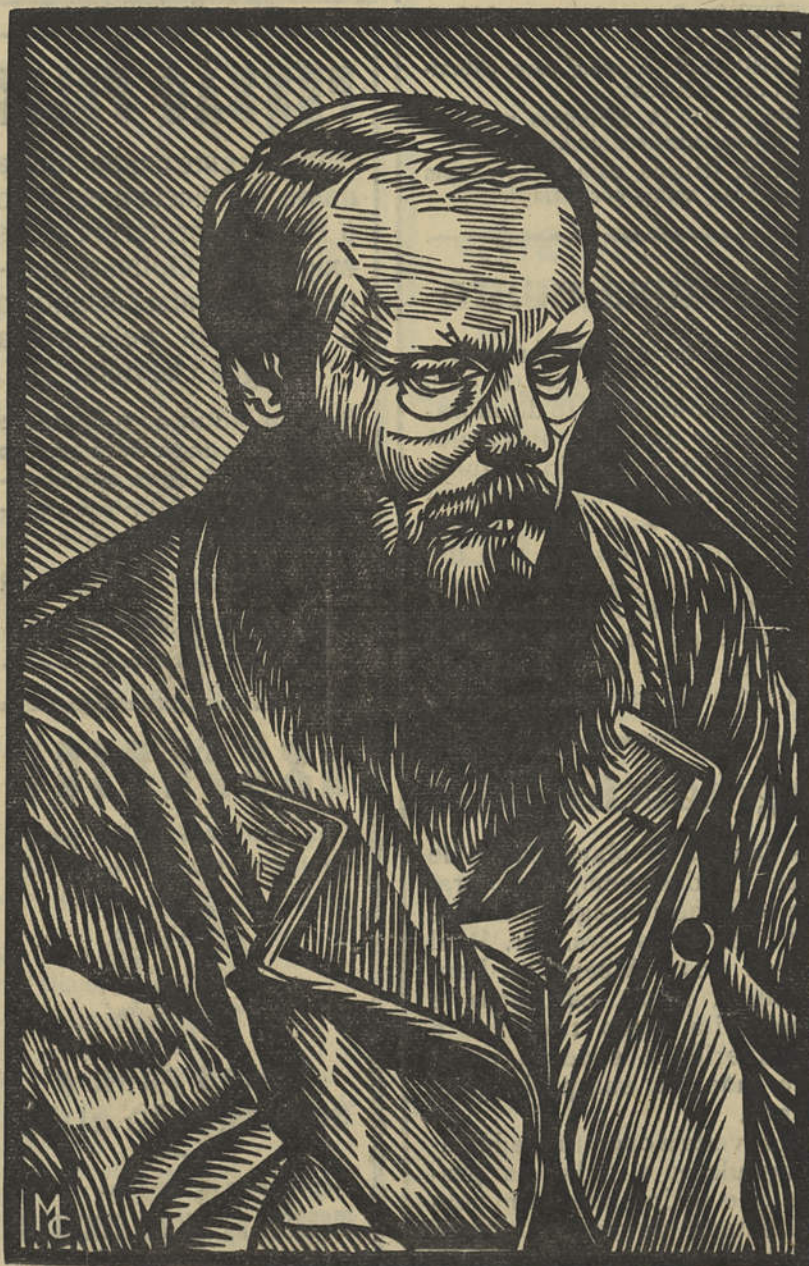
**E**RRADAMENTE bateu à minha porta alguém, que me supôs capaz de fazer a crítica à Exposição de Xilógravura do artista Manuel dos Santos Cabanas, nascido em Cacula, mas que se afirma, pelo coração cheio de gratas recordações, filho desta nossa terra, o que nos honra e entenece.

Não, meu amigo; não fui modesto ao esforçar-me, denodadamente, por eximir-me a tal encargo. Fui, sim, absolutamente sincero. Não tenho envergadura para tentá-lo, sequer. Só porque sou vilarealense e, conseqüentemente, devedor ao distinto artista, pelos seus trabalhos sobre a fundação da Vila e pela sua primorosa exposição, a todos nós dedicada, aqui estou.

A minha impressão sobre os trabalhos de Manuel Cabanas? Esplêndida! Tão esplêndida como inesperada. De facto, nunca imaginei ir encontrar tão vasta produção e toda ela de tão esmerado sendo artístico. Encadernações do mais fino gosto e de géneros vários, todas elas grandemente enriquecidas por belas gravuras suas, na padieira de cada volume. Fino e aprimorado acabamento nestes trabalhos, que ignorava fossem para Manuel Cabanas motivo de tanta e tão cuidada aplicação artística.

De entrada, impressionou-me logo a grande assistência, composta de pessoas de todas as classes e mestres, demonstração inludível de um interesse grande pela arte e prova dum interessante subido do nível instrutivo e educativo da nossa vila. Neste género de exposição, não se observam sonoras exclamações, movimentos de avanço e recuo em relação a um quadro a óleo, para melhor apreciação de efeitos. Quantas vezes estes movimentos, feitos por quem, a distância ou com o nariz em cima da tela, não percebe a escola, os efeitos, a obra do artista. Não! Aqui, em torno da arte de Cabanas, tudo decorre num quase silêncio admirativo, num recolhimento dos sentidos. Encaramos Camilo, na sua máscara de ironia e de dor! o «grande Marquês», traços de vontade indómita, uns olhos castanhos a suavizá-los. Mas como se consegue, em tal espécie de trabalho, um olhar assim? Pasteur, meditativo, atitude de um estudioso, impressiona-nos

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



Dostolévski (Gravura em madeira de M. Cabanas)

## Conta-Gotas

por Maria Manuela Nunes

### Diário

*E' claro que vou afastar os meus olhos perdidos*

*dos vidros enevoados.*

*Através deles — sombras...*

*Contornos esbatidos*

*como pétalas de rosas esquecidas.*

*Ser real*

*eis (como se diria*

*em qualquer relatório oficial)*

*a tarefa que se impõe.*

*Aprende, dedos meus!*

*a ter direito à vida!*

*Fios de fumo — como vos desejam — não mais, não mais!*

*Mas decididos,*

*firmes,*

*vitoriosos,*

*como, na tarde morta, os apitos das fábricas.*

### Vento

*O vento traz da floresta*

*o rumor do mar por desbravar.*

*Que distância infinita*

*em cada um dos nossos dedos!*

*Sorver em cada nêvem o aroma da terra*

*e ir com ela.*

*Amar em cada dia*

*o dia que há-de ser.*

*Isto é estar vivo e desfraldado ao vento*

*como bandeira do topo.*

### Apontamento

*Uma boneca.*

*Dizia papá, mamã.*

*Andava por seu pé.*

*Ria. Chorava. (Principalmente chorava).*

*Lembro-a. Qualquer coisa como o arzinho da manhã a bailar numa pétala de orvalho.*

*Vai, era preciso comprar o remédio.*

*Os pais não podiam comprá-lo.*

*Um caixãozinho branco floresceu no meio da sala.*

*... Uma boneca.*

*Agora, sim. Tal qual uma boneca.*

*Irremediavelmente de olhos fitos*

*firmes*

*frios*

*como um punhal na hora inflexível.*

### A Nossa Terra

## AS ACTIVIDADES DA

## COMISSÃO MUNICIPAL DE

## ASSISTÊNCIA

**D**ENTRO do nosso plano de divulgação das actividades assistenciais aos pobres deste concelho, quisemos ouvir o vereador do pelouro da Assistência, que preside, também, à Comissão Municipal da mesma, sr. Teixeira Marques.

Muito amavelmente, o nosso entrevistado forneceu ao «Noticias do Algarve» os elementos que adiante publicamos, lamentando que os planos de assistência previstos não sejam compreendidos, e ainda menos secundados, pela grande maioria dos que poderiam fazê-lo, o que limita as possibilidades de actuação eficazes. Considerou tratar-se dum egoísmo que se não compadece com as exigências e mentalidade da hora que vivemos, citando, a propósito, como sintoma tristemente típico o facto de um empreendimento útil a todos, como seja o quartel para os nossos valorosos Bombeiros Voluntários, não lograr obter realização,

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## NOTÍCIAS PESSOAIS

## Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa, encontra-se em Itália, o nosso ilustre conterrâneo, prezado amigo e assinante, sr. Eng. Sebastião Garcia Ramirez.

Em missão oficial de estudo às nossas províncias ultramarinas de Angola e Moçambique, partiu há dias para África, o nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa, sr. Engenheiro-Agrônomo Alfredo Augusto Lisboa de Lima Cluny.

Tivemos o prazer de ver nesta vila, com sua esposa, o nosso prezado amigo sr. Dr. Pedro de Lima Cluny, Juiz do Tribunal de Menores, no Porto, e antigo secretário do sr. Ministro da Justiça.

Com pouca demora, esteve entre nós, o nosso distinto colaborador e prezado amigo sr. Mário Gentil Homem.

De casa de seus tios, em Faro, regressou a esta vila a menina Elsa Dilar Martins Rodrigues, filha do nosso amigo e colaborador, sr. Fernando Morais Rodrigues.

Retirou para Lisboa, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Fernando Calado Correia, aluno da Faculdade de Medicina.

## Doentes

Foi submetida, há dias, a uma melindrosa operação, a sr.ª D. Elisa Branquinho Mendes Ponce, esposa do nosso amigo e assinante, sr. Amândio Gonçalves Ponce.

A intervenção teve bom êxito e a doente encontra-se melhor.

Encontra-se gravemente enferma, em casa de seu filho, nosso estimado amigo e assinante, em Setúbal, sr. João Rodrigues Lima Centeno, Tesoureiro de Finanças, a sr.ª D. Maria do Rosário Lima Centeno.

Está doente, com certa gravidade, a sr.ª D. Francisca Chumbito Ruivinho, esposa do nosso amigo e prezado assinante, sr. António dos Anjos Ruivinho.

Também se encontra doente, num quarto particular do Hospital desta vila, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Eugénio Diniz Guerreiro.

A todos, desejamos pronto restabelecimento.

## Falecimentos

## D. Isabel Maria Vasques Faisca

No passado dia 9 do corrente, faleceu em Faro, a sr.ª D. Isabel Maria Vasques Faisca, de 72 anos de idade, viúva do sr. João Nepomoceno Mimoso Faisca, que durante muitos anos residiu em Castro Marim.

A extinta era mãe da sr.ª D. Hermínia da Purificação Mimoso Faisca Anastácio e do sr. Lopo de Gusmão Mimoso Faisca.

A família enlutada, «Notícias do Algarve» apresenta sentidos pésames.

## D. Emília Garcia Ramirez

Faleceu nesta vila, no passado dia 17 do corrente, a sr.ª D. Emília Garcia Ramirez, de 68 anos de idade, viúva do saudoso industrial e proprietário, sr. Manuel Garcia Ramirez.

A extinta era mãe da sr.ª D. Alice Garcia Ramirez e do nosso querido amigo, sr. Emílio Garcia Ramirez, importante industrial e armador nesta vila e em Matozinhos, irmã do sr. Carlos Garcia Barroso, residente em Lisboa, e tia das sr.ªs D. Maria das Dores Ramirez Sanches, esposa do sr. Dr. José Ortigão Gomes Sanches, D. Isabel Ramirez Carmo, esposa do sr. José Graciliano Vieira Carmo, D. Maria Emília Ramirez Sanches, esposa do sr. Eng. Francisco Ortigão Gomes Sanches, e dos srs. Eng. Sebastião Garcia Ramirez, antigo ministro e ilustre deputado pelo Algarve, Mário Garcia Ramirez, importante industrial e presidente do Grémio dos Industriais de Conservas do Sotavento do Algarve, João Cumbreira Ramirez, sócio-gerente da Litografia Ramirez, Perez, Cumbreira e C.ª, e António Ramirez, gerente da sucursal da mesma Litografia em Portimão.

A toda a família enlutada, e em especial ao nosso estimado amigo, sr. Emílio Garcia Ramirez, manifestamos a expressão do nosso sincero pesar.

## D. Maria da Conceição

Faleceu no passado dia 20 do corrente, nesta vila, a sr.ª D. Maria da Conceição, viúva, de 76 anos de idade.

A extinta era mãe da sr.ª D. Mariana da Conceição Padesca e sogra do nosso prezado assinante, sr. Alvaro do Carmo Padesca.

«Notícias do Algarve» apresenta à família enlutada, sentidos pésames.

## GAZETILHA

## FARTURA!

A semana que acabou cinco «serões» ofertou a quem lhes quis assistir; foi um record estupendo, nos tempos que vão correndo difícil de repetir!

Venceu, no campeonato, o cinema, mais barato e em melhores condições; de notar que a luz eléctrica fez-lhe oposição «simétrica» em uma das três sessões...

Seguiram-se, sem espanto, empatados a um «tento», o Glória e o Lusitano, um com fins «hospitalares» e outro com fins «escolares» subindo e descendo o pano.

No Glória, «O Sr. Ventura», conseguiu, fura-que-fura, cinco «casas» no activo; vamos ver se, qualquer dia, surge nova fantasia que mantenha o teatro «vivo»...

BIN OCLO

## AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 16 a 22 de Janeiro:

## Entrados:

COSTEIRO, Português, de 629 toneladas, de Lisboa, vazio.

BANGSBO, Dinamarquês, de 1866 toneladas, de Malaga, com carga em trânsito.

SILVA GOUVEIA, Português, 893 toneladas de Lisboa, vazio.

ROLANDSECK, Alemão, 857 toneladas, de Portimão, com carga em trânsito.

DORIDE, Italiano, de 676 toneladas, de Lisboa, com carga em trânsito.

COSTEIRO, Português, de 629 toneladas, de Lisboa, vazio.

## Saídos:

MADALENA, Português, para Ponta Delgada, com sal.

BANGSBO, Dinamarquês, para Copenhague, com cortiça.

COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.

ROLANDSECK, Alemão, para Gibraltar, com alfarroba.

SILVA GOUVEIA, Português, para Lisboa, com enxofre e minério.

DORIDE, Italiano, para Génova, com conservas, escala por Malaga.

## Agradecimento

A família de Manuel dos Anjos Ruivinho, no receio de que, por desconhecimento de moradas ou por qualquer outro motivo, tenha cometido alguma omissão nos seus agradecimentos, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar pelo falecimento do seu extenso esposo e pai, e bem assim a todos os que o acompanharam a sua última morada.

## Agradecimento

A família de Maria Isabel de Sousa Cardoso vem, muito grata e reconhecida, agradecer aos Ex.ªs Médicos, srs. Dr. Raúl Folque e Dr. Albano de Lencastre, a forma carinhosa e benemérita como trataram a sua querida e saudosa esposa e mãe, na sua prolongada doença.

Aproveita a oportunidade para agradecer a todas as pessoas que se interessaram pelo seu estado de saúde e bem assim às que o acompanharam até à sua última morada.

## Das montras de Lisboa

## FAZ-SE PROPAGANDA

## DO ALGARVE

A Casa do Algarve tomou uma iniciativa muito útil e muito simpática. Com grande surpresa, a numerosa colónia algarvia, em Lisboa, viu, nas montras dos principais estabelecimentos da capital, propaganda da nossa província. Consiste esta propaganda na exposição de quadros do pintor Falcão Trigo, o artista que melhor tem fixado a brancura das nossas amendoeiras, as tonalidades do nosso mar e a policromia luminosa da nossa paisagem. Ao lado dos quadros, figuram mapas, gravuras, desenhos e livros sobre a nossa província, vendendo-se também, nalgumas das mais frequentadas montras, legendas convidando os lisboetas a visitar o Algarve, nesta época em que ele se recama da brancura da flor das amendoeiras.

Acertada propaganda esta, digna dos mais calorosos aplausos de todos os que amam a sua província.

Façamos votos para que hotéis, pensões e particulares saibam agradar e acarinhar os que nos visitam, para que eles, retirando com saudades, sejam conscientes e entusiastas propagandistas da faixa de terra mais linda do nosso País.

Pena é que, ainda este ano, os nossos visitantes não encontrem acomodação na Praia de Monte Gordo, atractivo forçado, mas por enquanto impossível de disfrutar por quem nos visita. Bom seria mandar limpar as ruas e estrada que dão acesso à praia, para maior facilidade de circulação de veículos. Ao menos, faça-se isto, já que nem sequer temos material de propaganda impresso para oferecer aos nossos visitantes.

## PENSÃO FELIX

Sobejamente conhecida na nossa Província e em todo o País. A preferida pelos exigentes. Optimos quartos, a mesa mais disputada e apreciada pela nossa digna clientela.

Sala de jantar com bastante luz e com linda vista para o Guadiana. Preços convidativos. Experimentá-la é motivo para preferência.

Praça Marquez de Pombal, 22  
Vila Real de Santo António

## EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:  
MANUEL DA SILVA DOMINGUES  
Avenida da República-Telefone 12

## Noticiário da Província

## PORTIMAO

## Nota Semanal

Há muito que nos meios desportivos se nota uma anomalia que preside tenazmente, mas que é absolutamente necessário desapareça, para a elevação do Desporto, e, até, das localidades a que o mesmo se confina, pois a sua influência faz-se sentir bastante, nos seus sectores económicos e turísticos, reflectindo-se nos mesmos todas as alterações daqueles. Trata-se, simplesmente, da luta titânica que a maioria dos Clubes da Província mantêm para a sua elevação, luta carregada de dificuldades sem conta, de falta de fundos, enfim! É lamentável verificar-se Clubes, que outrora tiveram os seus momentos de prestígio e glória, hoje se vejam obrigados a restringir as suas modalidades desportivas, umas vezes mercê de fracas receitas, outras, ainda, da incompreensão e desinteresse dos seus associados.

Há dias, fomos surpreendidos por uma notícia, inserta num jornal desportivo de grande expansão, de que o Boa Esperança A. Clube, tinha eliminado a sua secção de futebol. Tal não aconteceu, porém! E felizmente! Mas não deixa de ser lamentável que, por falta de fundos, a Direcção do referido e popular Clube, tivesse decidido não ingressar no Campeonato deste ano. É embora nos regozijemos por a sua secção de futebol se manter, não deixamos de compreender a atitude tomada e lamentá-la, em face das circunstâncias.

E' já tempo suficiente para que nos compenetrarmos de que o Futebol é a mais alta escola de Educação Física e constitui um meio de turismo apreciável para a nossa terra.

Como tal, merece ser amparado, sem o que o futebol não poderá manter-se e alcançar prestígio!

## Actividades da Casa da Mocidade

Para preparação dos seus atletas, o Centro Especial de Atletismo organizou, no passado domingo, 17, uma prova de corta-mato bastante animada, tendo sido obtidas as seguintes classificações:

Iniciados (1.000 metros): 1.º António Joaquim dos Reis Prudêncio, 5 m. 18 s. e 2/10; 2.º Eliseu Marques; 3.º Eliseu Martins; 4.º Arlindo Oliveira; 5.º Joaquim Mendonça; 6.º Horácio Virgílio; 7.º José João da Silva; 8.º Manuel José Borges; 9.º Vitor Capelo; 10.º Rui d'Almeida Serra e 11.º Gabriel Fonseca.

Juniões (1.300 metros): 1.º Telmo Dionísio do Carmo, 4 m e 35 s.

## Boa Esperança A. C. Portimonense

Baseados numa informação errada, noticiámos, no passado número, que o Boa Esperança A. C. Portimonense tinha eliminado a sua secção futebolística. Pede-nos, agora, a Direcção do Clube em referência, que rectifiquemos a notícia, o que com muito gosto fazemos, pedindo desculpa da falta involuntariamente cometida.

Motivado por falta de fundos, foi determinado pela dita Direcção que o «team do Boa Esperança não figuraria no presente Campeonato de Futebol, mantendo-se, contudo, a sua secção futebolística».

Rectificando a notícia, desejamos àquele Clube que veja solucionados os seus problemas, para que a sua participação possa elevar o futebol portimonense.

## Festas do Carnaval

Prosseguem no melhor andamento os trabalhos preparativos para o brilhantismo das Festas, a realizar em Portimão, entre elas animadas Batalhas de Flores, que se espera sejam superiores às realizadas anteriormente. — C.

## Ao comércio

Indivíduo, 20 anos, apresentável e educado, conhecimentos de comércio interno e externo e contabilidade, ex-viajante, aceita emprego, representação ou agência de firma(s) interessada(s) nos s/serviços. Dá as melhores referências.

Resposta ao correspondente deste jornal, em Portimão.

## ALGÔS

## Sport Benfica e Algôs

Decorreu, com entusiasmo e sentido clubista, a assembleia geral, convocada para apreciação de contas e nomeação dos novos corpos gerentes.

Aprez-nos registar, com o prazer de sempre, como é timbre desta gente a forma como tudo decorreu e o critério havido nos vários problemas em discussão, votando-se com devido cuidado, para que eleitos fossem aqueles que pudessem enfim continuar a obra que a todos se nos apresenta digna do mais franco aplauso.

O saldo de Esc. 10.368\$80, que o seu relatório nos indica, causando a muitos, cremos, pasmo, como tal se reuniu em centro de pouca valia, oferecemos a esses, a consciência do amor à causa, trabalho profundo e consciencioso. Olhos postos na nossa bandeira, e o que ela nos indica na sua divisa, continuaremos pelo seu melhor prestígio. A contagem final viu o resultado assim: Assembleia Geral, presidente: Diogo Marreiros Neto, secretários: Abílio dos Santos e Manuel Lopo das Neves. Direcção, presidente: José dos Santos Alves Correia, secretário: João das Dores Mendes e tesoureiro: António Negrão Cabrita. Conselho Fiscal, presidente: José Carlos Costa, secretário: José António Adolfo e relator: Diamantino Augusto Calado Dias. Foram chamados a postos de comando alguns novos e que, pelo seu acentuado espírito e entusiasmo sempre verificado, continuaram a mais nos firmar do seu sentimento. Felicitamos, sinceramente, os eleitos, com a certeza de que a vitória do nosso querido Clube continuará, a bem da causa benfiquista.

## José António Costa

Já se encontra entre nós este nosso querido amigo e proficiente farmacêutico, que à Capital se deslocou a consultar a medicina.

## Jaime Marreiros Neto

Tivemos o grato prazer de cumprimentar este nosso prezado amigo e conceituado comerciante em Tunes-Gare.

## Escolas

Com desgosto, continuamos a observar que os vidros das janelas ainda se encontram por colocar, o que causa, além da péssima impressão de quem repara naquela situação triste, o permitir que entrem para as salas, onde os professores leccionam não só as chuvas como ainda estas tão aturados frios, o que bem prejudica todos. Sabemos do cuidado sempre presente do sr. presidente da Câmara Municipal de Silves, e julgamos, a bem das crianças, que finalmente tudo se coloque em seu devido lugar, o que já não é sem tempo.

## Benfica-Sporting

A fim de assistir a este prélio, deslocaram-se a Lisboa os nossos prezados amigos, srs. Dr. Júlio Calação João Leite, João Tadeu Almeida e João das Dores Mendes.

## Falecimento

Teve lugar, com grande acompanhamento, o funeral da sr.ª D. Maria Arcajo Cabrita, que gozava entre todos de gerais simpatias pelas suas excelentes qualidades de bondade e por ser amiga de favorecer a pobreza. Tinha 69 anos de idade e deixa viúvo o nosso querido amigo, sr. Francisco Cabrita, importante proprietário e industrial de padaria nesta localidade. Apresentamos os nossos sentimentos de pesar, extensivos a toda a família.

## Maria Francisca Negrão Cabrita Gomes

Passou, no dia 20, mais um aniversário natalício desta prezada menina, filha querida do nosso muito amigo Alvaro Duarte Gomes, e presentemente aluna da Faculdade de Letras, em Lisboa.

Os nossos parabéns.

## Visitas

Vimos, nesta localidade, o sr. Hermelegildo Neves Franco, nosso particular amigo, prestigioso componente da Casa do Algarve (Secção de Turismo), e grande amigo da nossa província. — C.

## FARMACIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 23 a 29 de Janeiro, a Farmácia Silva, Rua Miguel Bombarda-Telefone 64.

Campeonato Nacional da II Divisão

# FUTEBOL

**Em Vila Real Sto. António**

LUSITANO, 2 — PORTIMONENSE, 1

Árbitro: Sr. Eduardo Gouveia (A. F. Lisboa).

Lusitano: Balbino; Pescada, Jorge e Reina; Rodolfo e Agostinho; Almeida, Padesca, Antunes, Rola e Germano.

Portimonense: Afonso; Ramalho, Alvo e Henrique I; Artur e Albertino; José António, Monis, Henrique II, Fernando e Camarinha.

Na turma visitante nota-se a falta de cinco titulares (Luz, Coriês, Garcia, Alvarez e Bezerra).

Aos 32 m., da 1.ª parte, 1-0, a favor do Lusitano. Almeida, na marcação de um livre, no limite das 18 jardas, tocou para Padesca que disparou forte, ao lado esquerdo de Afonso.

10 m. após: 2-0. Avançada dos vilarealeses pela esquerda, rematada com uma cabeçada de Agostinho.

Aos 23 m. do 2.º tempo, José António diminuiu a diferença para 2-1, em recarga potente, desferida fora da grande área. O esférico, impellido com violência, bateu na parte inferior da barra e entrou, sem defesa possível para Balbino.

O resultado final aceita-se. Não, propriamente, pela superioridade de jogo dos vencedores mas atendendo, fundamentalmente, ao maior número de oportunidades que eles criaram.

Jogo, tecnicamente, paupérrimo. Bola constantemente no ar, jogadas aos repêlões, choques sucessivos.

O bom comportamento do Lusitano no passado domingo, em Évora, e o valor que o Portimonense tem revelado no decorrer do campeonato, faziam prever uma partida bem disputada.

Afinal, nem o espectador menos exigente saiu do campo satisfeito.

As linhas defensivas perfilharam sempre o pontapé forte e sem destino. Despachar depressa e de qualquer maneira, foi o lema. Os médios jamais tiveram a preocupação de entregarem jogo «limpo» à frente. Os avançados jogaram, quase sempre, cada um para si, na base de individualismos e, quando procuraram o lance de conjunto, poucas vezes foram felizes.

O sr. Eduardo Gouveia, não desejando destoar em tão fraco espetáculo, regalou-nos com uma arbitragem tão esquisita que até chegámos a desconfiar... O sr. Gouveia soprou no apito que se fartou mas, nem por isso, acertou muitas vezes.

L. C.

Resultados da 16.ª jornada:

- LUSITANO, 2 - Portimon., 1
- Almada, 3 - Oihanense, 1
- Farense, 1 - C. U. F., 1
- Luso, 1 - Juventude, 1
- Desp. Beja, 4 - S. Domingos, 0
- Montemor, 0 - Montijo, 1

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
C. U. F.	16	12	2	2	43-15	26
União Sport.	16	10	1	5	28-13	21
Juventude	16	8	5	3	22-14	21
Portimonense	16	8	4	4	36-19	20
Oihanense	16	8	1	7	27-17	17
Sporting Farense	16	6	5	5	23-31	17
Montijo	16	8	—	8	33-23	16
Almada A. C.	15	6	2	7	23-23	14
Desp. de Beja	16	5	4	7	21-27	14
LUSITANO	16	5	2	9	22-23	12
Luso	16	2	3	11	16-33	7
S. Domingos	15	2	1	12	10-52	5

Jogos para hoje:

- Oihanense - LUSITANO
- Portimonense - Luso
- Montijo - Farense
- S. Domingos - Montemor
- Juventude - Desp. Beja
- C. U. F. - Almada

Reparações e Modificações de Rádios de T. S. F.

**Sérgio Peres**

Diplomado com o Curso de Rádio Maymo de Madrid  
**RÁPIDO E ECONOMIA**  
 Rua Cons. Frederico Ramirez, 31  
**VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO**

**Em Faro**

FARENSE, 1 — CUF, 1

Realizou-se, em Faro, no passado domingo, um encontro de futebol entre as turmas do Sporting Clube Farense e do Grupo Desportivo da Cuf, cujo resultado foi um empate a uma bola.

O Estádio de São Luís com este encontro registou a maior enchente desta época.

Arbitrou a partida o sr. Mário Ribeiro Sanches, da Associação de Futebol de Lisboa.

D'pois dos magníficos resultados, obtidos pelos visitantes, julgar-se-ia que a equipa de Faro não poderia suportar o embate de um adversário como é a Cuf; no entanto, os visitados fizeram surpresa, empatando, com toda a justiça, o encontro. A equipa de Faro averbou um excelente resultado, no que diz respeito à conquista de pontos, mas não produziu exibição que impressionasse. Longe disso, mas o resultado aceita-se pelo trabalho do segundo tempo, onde mostraram vontade, entusiasmo, alegria e dinamismo pelas balizas, e quando menos se esperava.

Na verdade, a equipa da Cuf revelou, durante o primeiro tempo, que não é por mero acaso a sua posição na tabela. Depois de tomarem o comando ao antagonista, os barreirenses deram-se á tarefa de pôr em campo toda a gama dos seus recursos. Diga se, desde já, que os visitantes, desde muito cedo verificaram que tinham a sorte pelo seu lado e que valia a pena não deixar desbaratar um triunfo tão precioso. E desta forma, estruturada no princípio de manobra que manda uma equipa empenhar-se totalmente no jogo — quer nas jogadas ao campo contrário, quer na defesa do seu próprio reduto — a equipa barreirensis organizou com mais consciência o seu jogo. E foi assim que os rapazes locais não conseguiram anular a manobra que o antagonista lhe começou a opôr, com o maior desejo, acerto e o melhor sentido de entreajuda dos vários sectores.

Nesta altura, a equipa visitante teve três ocasiões magníficas de fazer funcionar o marcador, mas Aureliano, um pouco retraído, jogava a bola para as mãos de Ventura. E assim terminou o primeiro tempo com domínio absoluto dos visitantes.

No segundo tempo, o Farense dominou, não tecnicamente, mas sim aos repêlões, obrigando a defesa contrária a trabalho difícil. Num contra-ataque e quando o Farense se mostrava confiante na vitória, Aureliano levou a bola até à baliza e entregou a Luís, que num remate rasteiro bateu Ventura. Com este golo os rapazes de Faro criaram uma velocidade incrível e instalaram-se por completo no campo defendido pelos visitantes. Vinuesa, que, desde o início do jogo, se encontrava a jogar recuado, avançou e o jogo todo se moveu na parte dos visitados e obrigou o adversário a uma defesa porfiada da sua baliza, até que José Maria, num livre de canto, marcado por Queimado, conseguiu de cabeça obter o golo que o público há muito esperava.

Assim, o Farense conseguiu um empate a todos os títulos merecido, pelos predicados que acima inserimos. Os três espanhóis muita alma vieram dar à equipa, pois o Farense este ano encontra-se em grupo com possibilidades de representar condignamente o Futebol do Algarve.

A cerca dos jogadores da Cuf, apenas podemos dizer que são todos bons; não há jogadores de muita categoria, mas sim todos iguais, e que jogam todos como um bloco com um esquema e com consciência, salientando-se o guardião Libânio pelas suas magníficas defesas no segundo tempo.

No Farense: O rendimento da asa direita foi sempre modesto, confirmando-se que, tanto Agostinho como Brito, duo que foi desconcertante, se encontram bastante afastados da forma. Vinuesa no 1.º tempo esteve apagado, talvez por estar muito recuado, jogando nessa maneira pela pouca confiança na defesa, destacando-se no segundo tempo onde teve trabalho digno. A asa esquerda mostrou muita habilidade mas pouco rendimento para a baliza: Nos médios, tanto José Maria como José Joaquim, jogaram excelentemente, e foi sem dúvida o melhor compartimento do Farense. São jogadores de categoria; J. Maria de jogo para jogo mais se destaca naquele lugar. Nos defesas, principalmente, o esquerdo cometeu erros que uma asa direita melhor da Cuf teria aproveitado para construir um resultado favorável. Lúcio não é jogador para a defesa do Farense. Celestino e Ventura jogaram bem, destacando-se pelas suas entradas.

Da arbitragem do sr. Ribeiro Sanches,

**Clube Recreativo Lusitano**

Em assembleia geral, realizada no dia 15 do corrente, foram eleitos para o ano de 1954, por aclamação e em 2.ª volta, os seguintes corpos gerentes:

**Assembleia Geral:** Presidente, Augusto Valente Parreira; Vice-Presidente, Manuel Francisco Horta; 1.º Secretário, Manuel Monchique Ribeiro Alves; 2.º Secretário, Marciano da Palma Guerreiro.

**Conselho Fiscal:** Presidente, José dos Santos Campinas; Secretário, Jacob Ribeiro Aguilera; Relator, José Gonçalves da Cruz; Suplentes, António Ferreira Mendes e Diamantino de Brito Afonso.

**Direcção:** Presidente, Manuel Peres Tenório; Vice-Presidente, Manuel Francisco Ribeiro Alves; Secretário, João Alberto Leiria; Tesoureiro, Manuel Francisco da Conceição; Vogal, Manuel Socorro Tenório; Suplentes, Lino Vieira Fernandes, Francisco Ribeiro Alves e Armando Semedo Allen.

**Hóquei em Patins**

Como jogo de preparação, para o próximo Campeonato do Algarve nesta modalidade, desloca-se hoje a esta vila a equipa do Sport Lisboa e Faro, para disputar um jogo com o Hóquei Clube Vila Real, no Parque de Instrução dos Bombeiros Voluntários, pelas 16 horas.

**Vitória Sport Clube GUIMARÃES**

Ex.º Sr. Proprietário da «Pensão Mateus» Vila Real de Santo António

Sou a dizer a V. Ex.ª que nos encantou a maneira como nos recebeu, tanto a hospedagem que foi primorosa como a maneira como V. pessoalmente tratou a nossa embaixada desportiva.

Mais uma vez queremos patentear o nosso agradecimento por todas as atenções recebidas.

De V. Ex.ª

Atenciosamente

Pela Direcção do Vitória Sport Clube  
*Emílio Simão*

**TRADUÇÕES**

Comerciais, técnicas ou literárias, em Francês, Italiano, Inglês e Alemão. Rapidez, sigillo e preços módicos.

**F. MORAIS RODRIGUES**  
 R. Miguel Bombarda, 30  
 Vila Real de Santo António

TRIBUNAL JUDICIAL  
 Comarca de Vila Real de Santo António

**Anúncio**

O Doutor Francisco Nunes Correia, Meritíssimo Juiz de Direito da comarca de Vila Real de Santo António.

FAZ SABER que no dia 27 de Janeiro, pelas 11 horas, à porta deste Tribunal e em terceira praça, se há-de proceder à arrematação em hasta pública do prédio abaixo mencionado, penhora dos autos de Execução Fiscal Administrativa em que são: — Exequente: — A Fazenda Nacional e Executado: — Manuel Rodrigues Ramos, residente em Diogo Dias — Martinlongo.

**PRÉDIO A VENDER**

Uma courela de terra, no sítio do Serro do Serrão ou Carneiro, freguesia de Martinlongo, que confronta pelo norte com Manuel Braz, sul com Manuel Afonso Teixeira, nascente com Manuel de Jesus e poente com Salustino Cavaco, que vai à praça sem valor.

Vila Real de Santo António, 19 de Janeiro de 1954.

Verifique a Exactidão

O Juiz de Direito,

*Francisco Nunes Correia*

Servindo de Chefe de Secção,

*José Estêvão Lima Pereira*

só há que dizer bem, pois teve uma actualização feliz que a correcção dos jogadores muito ajudou.

**NOTÍCIA**

De fonte autorizada, sabemos que os categorizados jogadores espanhóis, Reis, Garcia e Alvarez, que, desde há duas épocas representam a equipa de Portimão, deixaram o clube. Não sabemos os motivos, apenas sabemos que já não actuaram, no passado domingo, contra o Lusitano. Estes jogadores eram o esteio da equipa, pois eram as pedras mais salientes.

**Herouliano Valente**

**Foi de 5.000 contos menos do que em 1952**

**o rendimento do pescado, no ano findo, em Vila Real de Santo António**

A PESCA do ano de 1953, neste centro, foi inferior em quantidade e valor à de 1952. As safras, tanto a do biqueirão como a da sardinha, foram ruins. A desta última, especialmente, foi francamente má. O total do pescado descarregado neste porto, durante o ano findo, foi de 6.540 toneladas, no valor de Esc. 36.763.612\$00, menos 2.984 toneladas do que a colheita de 1952, cujo rendimento foi de Esc. 41.741.070\$30.

**Rendimento do pescado em 1953:**

Atum e s/ espécies . . . . .	Kg. 2.307.111 —	Esc. 19.261.601\$40
Biqueirão . . . . .	» 2.421.027 —	» 11.934.919\$00
Sardinha . . . . .	» 1.757.379 —	» 5.270.585\$00
Peixe diverso . . . . .	» 54.437 —	» 296.506\$60
<b>Total . . . . .</b>	<b>Kg. 6.539.954 —</b>	<b>Esc. 36.763.612\$00</b>

**Proveniência do pescado:**

Cercos e Traineiras . . . . .	17.180.383\$00
«Armações» de atum da costa do Algarve . . . . .	13.901.345\$80
id. id. de Marrocos . . . . .	4.670.248\$00
Vapor atuneiro «Rio Agueda» . . . . .	700.360\$20
«Sardinhas», «aparelhos (anzol e linha)», «alcatruzes» e outras «artes» . . . . .	311.275\$00
<b>Total . . . . .</b>	<b>Esc. 36.763.612\$00</b>

Nas lotas de Monte Gordo, Cabeço e Torre Velha, o rendimento do pescado foi, respectivamente, de Esc. 567.456\$00, 186.582\$00 e 244.099\$00.

*Holland-America Line*



AGENTES GERAIS  
**CARLOS GOMES & C.ª L.ª**  
 15. R. DOS FANQUEIROS — LISBOA  
 TELEF. 21143/21789

**SERVIÇO REGULAR MENSAL**

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, MOBILE, Ala., NEW ORLEANS, HOUSTON E GALVESTON

O motor rápido

**“SLOTTERDYK”**  
 carrega em LISBOA em 29 de JANEIRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

**Partidas de Rotterdam:**

- «DIEMERDYK» — 30 de Janeiro
- «DURANGO» — 18 de Fevereiro
- «DONGEDYK» — 27 de Fevereiro

MINISTÉRIO DA ECONOMIA  
 DIRECÇÃO-GERAL DOS COMBUSTÍVEIS

**EDITAL**

António Alfredo Sanches de Castro da Costa Macedo, engenheiro-chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis.

Faz saber que a Sociedade Anónima, Concessionária da Refinação de Petróleos «SACOR», requereu licença para instalar um depósito subterrâneo de gasolina, com cerca de 8.500 litros de capacidade, e respectiva bomba auto-medidora, incluído na 2.ª classe, com os inconvenientes de perigo de incêndio, sítio em Vila Real de Santo António, junto ao cruzamento das Estradas Nacionais n.º 122 e 125, freguesia de N.ª S.ª da Encarnação, concelho de Vila Real de Santo António, distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas, e dentro do prazo de 80 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito contra a concessão da licença requerida a examinar o respectivo processo, nesta Repartição, Avenida Miguel Bombarda, n.º 6 em Lisboa.

Lisboa, 2 de Janeiro de 1954.  
 O engenheiro-chefe da 2.ª Repartição,  
*António da Costa Macedo*

MINISTÉRIO DA ECONOMIA  
 DIRECÇÃO-GERAL DOS COMBUSTÍVEIS

**EDITAL**

António Alfredo Sanches de Castro da Costa Macedo, engenheiro-chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis.

Faz saber que a Sociedade Anónima, Concessionária da Refinação de Petróleos em Portugal «SACOR», requereu licença para instalar um depósito subterrâneo de gasóleo, com cerca de 8.500 litros, e respectiva bomba auto-medidora, incluído na 3.ª classe, com os inconvenientes de perigo de incêndio, sítio em Vila Real de Santo António, no cruzamento das Estradas Nacionais n.º 122 e 125, freguesia de Nossa Senhora da Encarnação, concelho de Vila Real de Santo António, distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas, e dentro do prazo de 80 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito contra a concessão da licença requerida a examinar o respectivo processo, nesta Repartição, Avenida Miguel Bombarda, n.º 6 em Lisboa.

Lisboa, 2 de Janeiro de 1954.  
 O engenheiro-chefe da 2.ª Repartição,  
*António da Costa Macedo*

## MUITO ESTRANHO, SEM DÚVIDA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dades e desmandos cometidos por certos serviços públicos, em que têm especial volume os de direcções de estradas, contra a propriedade privada, sem sombra de respeito pela lei, nem pelos mais elementares direitos de cada um. Comentando este artigo, o jornal «O Debate», de Lisboa, no seu número de 3 de Dezembro, escreveu:

«É o articulista apela para o Estado para prevenir estes abusos. Neste ponto é que não lhe assiste razão, exactamente porque são organismos do Estado os que tal consentem que se faça, ou mandam fazer. Foi uma escola que ficou, e que se alimenta de slogans tão nossos conhecidos — «progresso, dinamismo, audácia, atrazo, civilização, técnica, etc.». Só quando os proprietários esbulhados fazem malhar nos tribunais com meia dúzia de responsáveis, é que as coisas poderão começar a entrar nos eixos, por os restantes se arrearem e recolherem as garras. O que resta averiguar é se valerá a pena...»

É de crer que valerá a pena, embora em certos casos a lei ofereça aspectos de «rasteira», como se diz em gíria, passada aos incautos e bem intencionados.

Referimos um exemplo:

É vulgar acontecer que um cantoneiro marque com as iniciais P. E. as árvores que se encontram nas propriedades, ao longo das estradas, somente porque isso lhes ocorreu, ou porque a largura de uma estrada foi aumentada, ou, ainda, em árvores abrangidas por novo traçado, sem que do facto dêem qualquer explicação ou o menor cavaco aos respectivos proprietários.

Segundo a lei, se os proprietários não fizerem eliminar essas iniciais no prazo de seis meses, passam as árvores a constituir propriedade da J. A. E.

Ora, em grande parte dos casos, o proprietário nem tem conhecimento do facto, porque reside, às vezes, a dezenas e dezenas de quilómetros da propriedade, e o caseiro ou feitor, rude e desconhecedor da lei, considera o cantoneiro, como serventário do Estado, um zelador dos seus direitos de cidadão, e não um capcioso assaltante da propriedade alheia, de quem se deve desconfiar. Outras vezes, o proprietário tem conhecimento do facto, mas, ignorante do significado de tais letras, que aparentemente não lhe lesam fazenda, é vítima da sua boa fé e desconhecimento de tão estranha disposição legal.

A propósito destes e de outros não menos insólitos sucessos — como acontece com os C. T. T., que volta e meia invadem as propriedades para colocação de postes, sem intimação ou aviso prévio —, o ilustre deputado Dr. Abrantes Tavares, declarou recentemente na Assembleia Nacional:

«Esta intimação nos termos legais, será feita no edificio ou terreno a ocupar, na pessoa do proprietário, locatário ou possuidor a qualquer título; na ausência destes, na de qualquer feitor, administrador ou doméstico; e, na falta ou ausência destes, ou quando

haja dificuldades em o fazer, será afixada no local da respectiva freguesia onde por costume se afixam os editais das autoridades administrativas.»

Salientou que a lei rodeia de cautelas a ocupação da propriedade privada, acrescentando:

— «Acontece, porém (e o orador apresentou e mandou para a mesa a fotocópia de um documento probatório), que os serviços dos C. T. T. não cumprem a lei. Além de usarem uma forma de intimação que não satisfaz aos requisitos legais, por falta de identificação dos intimandos, utilizam-na indiscriminadamente e para casos não consentidos pela lei, por dever fazer-se e poder fazer-se a intimação pessoal. É ilegítimo — afirmou —, mas é breve e cómodo para os C. T. T.»

Depois de pedir ao Governo que acuda aos proprietários assim lesados, «vestindo aos atribulados a camisa de forças da lei», disse que a lei confere o direito de indemnização aos lesados; mas, nos casos de que tem conhecimento, a Administração dos C. T. T. «ainda não teve tempo para se ocupar de semelhante ninharia.»

— «Não são apenas os C. T. T. a usar o sistema em exclusivo. São também as empresas produtoras e transportadoras de electricidade, que invadem e ocupam a propriedade alheia, com notável desembaraço e não menor proveito, e são também algumas direcções de estradas, que nestes métodos não usam de maior modéstia.»

Talvez valha a pena que o Governo mande averiguar o que se tem passado e está a passar neste capítulo, e que, sem dúvida, é bastante estranho.

Visado pela Comissão de Censura

## A IMPRENSA E A IMAGINAÇÃO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

fundo ou o comentário de política internacional (perdoai-me talentos da nossa terra) eu opto pela leitura desse quadro quase sempre igual, mas variadíssimo, que é uma espécie de cinematógrafo a registar, fria e impassivelmente, a existência dos que morrem nos hospitais e ninguém lhes conhece o nome; dos que foram parar a prisão; dos que bateram ou se deixaram bater, e dos mil «fait-divers» que sucedem a todas as horas e a todos os momentos, nas ruas das grandes cidades, ou nas paragens esquecidas de qualquer lugarejo provinciano. Há uma enorme diferença entre o papel de espectador e de comparsa. A tragédia humana não se consegue compreender, a não ser pelo contacto hostil e frio que cada um de nós tiver com o sofrimento. Os *souleneurs*, os que julgam viver num supra-céu de delícias, aborrecem-se de morte com essa secção, que os coloca em contacto com uma humanidade que não apresenta quaisquer afinidades com a vida fácil que conduzem. Não a lêem; estão no seu direito. Eu admiro o laconismo e a ironia desses ignorados redactores, que apresentam, em meia dúzia de li-

## AS ACTIVIDADES DA COMISSÃO MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

arrastando-se a subscrição para tal efeito numa quantia insignificante. Damos, pois, a seguir aos nossos prezados leitores a summa estatística dos auxílios prestados aos necessitados, pela Comissão Municipal de Assistência, desde Abril do ano transacto, data em que foi instituída.

Subsídio concedido ao Refeitório de pobres e indigentes, a cargo da Junta de Freguesia, Esc. 15.000\$00.

Subsídio à Assistência Paroquial de Vila Nova de Cacela, Esc. 6.000\$.

Subsídio à secção local de Assistência à Família, Esc. 12.754\$30.

— Registamos que esta secção já efectuou 406 inquéritos para prestação de assistência a famílias necessitadas, tendo dispendido em subsídios diversos, alimentos em géneros, transportes de doentes para hospitais e sanatórios, medicamentos, leite às crianças, funerais, etc., a importância de Esc. 24.719\$90.

— Para a reabilitação económica de alguns lares em situação difícil, concederam-se empréstimos, sem juro e a largo prazo. Um deles foi destinado à compra de utensílios de trabalho, no montante de Esc. 700\$ e outro, de Esc. 1.000\$00, para a compra de materiais para a construção duma casa, em Monte Gordo.

Foi igualmente atribuído um subsídio de invalidez permanente, de Esc. 60\$00 mensais.

— Além destas dadas em dinheiro, foram distribuídas as seguintes roupas e artigos:

6 cobertores de lã, 4 chales, 16 colchões, 28 lençóis, 12 dinãs, 12 enxovais completos a raparigas, 12 enxovais a rapazes e 15 pares de calçado.

— No intuito de prestar assistência duma forma mais digna e eficaz, sem os inconvenientes da esmola a pessoas válidas, pôs-se a funcionar, nesta vila, na época do defeso conserveiro, um artesanato, no qual se executavam trabalhos de empreita, devidamente remunerados. Este manteve-se em laboração, durante cerca de 4 meses.

— Quanto a projectos futuros, neste campo, existem planos interessantes de actuação, mas... nada podemos ainda dizer, porque aguardamos uma vaga de bom-senso e de compreensão que abrange alguns corações e esclareça muitos espíritos, nesta praça comercial e industrial, à beira do Guadiana plantada...

Nada mais nos disse o sr. presidente da Comissão Municipal de Assistência.

## COMO EU VI A EXPOSIÇÃO DE XILOGRAVURA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

e, em espírito, lhe endereçamos, mais uma vez, o nosso agradecimento, tanto lhe ficámos devendo. Nem um traço a mais ou a menos; um corte hesitante desmancharia, na comissura dos lábios do nosso saudoso Eça de Queirós, aquele esboço de sorriso, que era crítica e incitamento, que era aplauso, que era desprezo?

A gravura que nos dá Cabanas, cheia de força, misto de sofrimento e revolta, em Dostoiévski, é dos trabalhos, a meu ver, de maior valor, no género retrato. Quando lemos Dostoiévski, não conseguimos, por mais vivos e fortes que nos ponha na frente, os seus personagens mais extraordinários, fugir à impressão de que paira em torno de nós, como que a espreitar-nos, o espírito forte, aquela máscara enérgica, formidável, que tão bem nos transmite Manuel Cabanas, neste seu trabalho.

Muito teríamos a dizer de outros retratos, ainda. O espaço, porém, vai desaparecendo. Não posso, no entanto, deixar sem referência um dos retratos de seu pai, creio que feito de memória. Espalhando! Mas aqui, além da arte, entram em acção o amor, a dedicação por um pai, em colaboração justa, apreciável e simpática.

É assim a exposição. Arte e mais arte, numa profusão de trabalhos.

Dois quadros, duas gravuras sobre «S. Pedro de Alcântara», riquíssimos de luz e de bela perspectiva e, como estes, «Escadinhas de S. Cristóvão», «Miradouro de Santa Luzia», «Alfama» e tantos outros no género. Um encantamento! Se ao autor destas linhas não faltassem condições necessárias, o que não poderia aqui dizer sobre o valiosíssimo trabalho, moldado nos «Painéis de S. Vicente»? Que maravilha! E é tudo o que se me oferece dizer sobre estas gravuras, que em Lisboa mereceram a melhor crítica, uma crítica autêntica, por entendidos de alto expoente.

Pastam ovelhas, mansamente, no Alentejo, sob o olhar paciente e nostálgico do seu guardador. Isto dá-nos Cabanas, em brilhantes traços, cheios de luz que tudo destaca, num grande realismo.

As gravuras representativas de templos são um embevecimento do espírito! Que minúcia, que rigorosa observação, que realidade! Isto continua assim, entusiasmando mais e mais o observador, de quadro em quadro. E então a gravura «O Corticeiro»? Que naturalidade! E o insinuante trabalho «Despedida ao Pescador de Bacalhau», que síntese magnífica, a expressão daquele amor do casal, amor forte, completo, já sem loucuras da juventude, agora cimentado com sustos e preocupações, a cada separação para tão longe! Na esposa, no seu rosto, a resignação; no pescador, a confiada esperança na volta!

«Os Ferreiros», uma pequena gravura, é um mundo de expressão, de verdade, de traços anatómicos bem marcados! E aquele trabalho, e este aqui, e aquele outro, mais ali? E olha-se, atentamente, e volta a observar-se o que já vimos, possessos desta formidável impressão de arte.

Observando o enfiamento das arcadas, no Terreiro do Paço, num momento o seu «eu» artístico arrebatou-o, levando-o a produzir uma das suas mais belas gravuras, e dando-nos a expressão duma coisa sublime, que nos parece um cláustro, um bocado magnífico do Mosteiro da Batalha, de Alcobaca ou de Mafra! Aqui, a sua arte, a sua firmeza de pulso correu a

necessária uma dose de imaginação para assim se compreender, na sua devida complexidade, todo o drama cotidiano. Aliás, considero essa secção, uma espécie de barómetro a dar-nos, com mais ou menos fidelidade, a situação social e moral de um povo. E bastava isso, para eu a preferir aos bem escritos mas succulentos artigos de fundo, que, embora fastidiosos, nada nos dizem e nada nos explicam. Que o leitor, que até agora desprezou a leitura dessa secção, comece por lê-la, mas faça-o apelando para a sua imaginação; esforce-se por completar a história, dê-lhe o corpo e a vida que as seis linhas do jornal não conseguiram dar.

Rodrigues Pena

par com a ideia de fazer uma tão grande beleza, de motivo aparentemente banal.

Aqui, é fatal pôr um ponto nesta resenha. Falta tempo e espaço, sobre o receio de enfiar com uma insonsa descrição que nada consegue descrever. Apontámos alguns quadros; muitos outros nos impressionaram, e deles guardaremos, infundivelmente, mais grata recordação de beleza, de vida, de arte e de verdade!

De Cabanas, conhecíamos «Presidente Teixeira Gomes» e pouco mais. A sua exposição, agora, deixou-me, pela sua riqueza, encantado; impressionado ao mais alto grau a que o meu espírito, com a sua insignificante partícula de compreensão artística, poderia ascender. Mas, nesta arte que Cabanas cultiva, com todo este esplendor de expressão, de vida, como se operam estes milagres, que nos prendem e nos encantam de tal forma?

Que soma de trabalho e de observação, que refinado gosto, que de dias e dias exigindo uma rigorosíssima atenção a cada pequeno traço, e estes, às vezes, tão leves, quase invisíveis! Que trabalho, que vontade!

Trabalhar o buxo, um bocado de arbusto que ornamentava um jardim ou possivelmente fazia sombra sobre uma campina rasa, — trabalhar esta madeira compacta e rija, com duas ou três goivas e outros tantos canivetes, arrancar-lhe vida, luz, expressão? Como se consegue isto? Consegue-se como Manuel Cabanas sabe, mas sabe a valer, tudo conseguindo com beleza, animado pelo seu indiscutível talento, arrebatado ele próprio, sem o sentir, por aquela luz da alma, vivíssima, que mostra ao predestinado a estrada brilhante que conduz ao autêntico templo da arte, da glória!

Resta-me dizer agora, ao amigo que me meteu nestes trabalhos pseudo-críticos:

— Veja se não sou um autêntico «Cavaleiro da Triste Figura», metido numa exposição! E a VV. Ex.<sup>as</sup>, meus casuais leitores, os meus perdões.

Para Manuel S. Cabanas, os nossos parabéns e os nossos agradecimentos, pelo ambiente de arte que momentaneamente nos proporcionou e que indelévelmente ficou gravado no nosso espírito.

Álvaro Magno Guerreiro

## A PESCA EM CASA DE FERREIRO...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ricos pesqueiros de peixe grosso que só pode ser capturado por meio de anzol, em consequência do fundo pedregoso.

Por indolência ou falta de iniciativa, não só não temos peixe para nosso conveniente abastecimento, como também não sabemos explorar os bons mercados das vizinhanças, tais como: Mértola, Beja, Almodôvar, Serpa, Moura, Mina de S. Domingos e muitos outros. E orgulhamo-nos nós — e com razão — de sermos um dos primeiros portos de pesca do País!

### VENDÉM-SE

2 cadeiras de barbeiro, marca «Pessoa»; 2 espelhos e 2 étagères. Inform.-se nesta Redacção.



a única lâmina que barbeia toda a gente!

AGENTES EM PORTUGAL:

Soc. de Rep. Cupertino de Miranda & C.ª L.ª

R. S. Francisco, 41-Apartado 205-Porto